

INSTITUTO CAUSA

Informar para formar

Fascículo -

São Paulo, SP

AS TEORIAS ECONÔMICAS MARXISTAS



**Teorias Econômicas
Marxistas**
Teoria do Valor-Trabalho
Teoria da Mais-Valia

Como esclarecemos anteriormente, Karl Marx determinou cedo em sua vida que um pré-requisito para o progresso humano era a destruição do presente estado de coisas, através de uma revolução violenta. Na elaboração do marxismo encontramos a construção de uma arma filosófica capaz de despertar a ira e intensificar ressentimentos a nível da impetuosidade. Esta é a motivação para a teoria econômica de Marx: a teoria do valor do trabalho e a teoria da mais-valia. Estas teorias são a base para todas as guerras de "libertação nacional" leninistas e estão sendo ensinadas de modo intensivo em países como a Nicarágua, onde o governo comunista

está tentando consolidar seu poder.

De acordo com estas teorias, o "capitalismo" é um sistema que não pode ser reformado, mas destruído de modo violento. Através da teoria do valor do trabalho, Marx pretendia mostrar que apenas os trabalhadores produzem valor, e com a teoria da mais-valia, desejava mostrar que o capitalismo necessita da exploração e não pode existir sem ela.

Os marxistas consideram as teorias econômicas expressas em *O Capital*, teoria da mais-valia e teoria de valor do trabalho, como uma pesquisa objetiva no funcionamento da economia de mercado livre. Na realidade, porém, elas não são, pois foram desenvolvidas com a finalidade de destruir o sistema capitalista e não para explicá-lo. De acordo com Marx, os esforços de pequenas reformas para a destruição da propriedade privada dos meios de produção e para a tomada do poder pelo proletariado jamais libertarão os trabalhadores da "escravidão salarial capitalista".

Segundo observa o eminente estudioso polonês, Leszek Kolakowski, a teoria do valor do trabalho e a teoria da mais-valia não tratam de maneira eficaz as questões relacionadas com "a quantidade de bens produzidos, maneira de venda e distribuição ou mesmo a questão da exploração". Servem apenas para "estimular a indignação com o fato de que 'somente o produtor' consegue obter uma pequena parcela do resultado de seu trabalho, enquanto o capitalista, que nada contribui para o valor, fica com os lucros por ser o dono da propriedade". Longe desta interpretação moral, continua Kolakowski, não está claro como é que aquela teoria pode esclarecer o mecanismo da economia capitalista [...]

(1)

A economia marxista está construída ao redor de uma_condenação de um sistema. Segundo Mark Blaug, da Universidade de Londres, "dizer que um economista é um economista marxista, significa dizer que ele partilha o valor de julgamento segundo o qual é socialmente indesejável, para algumas pessoas na comunidade, tirar sua renda apenas da posse da propriedade". **(2)**

Contudo, para ter sucesso, um sistema econômico deve funcionar de acordo com a natureza dos seres humanos. Neste sentido as teorias econômicas de Marx foram um fracasso total. A fim de condenar os capitalistas, Karl Marx colocou-se em oposição de maneira significativa não apenas à burguesia, mas também contra a própria natureza humana. O resultado irônico é uma teoria que exacerba as condições trágicas que Marx negava publicamente.

Quando são aplicados os princípios marxistas, os empreendimentos individuais, lucro de produção, livre comércio de mercadorias são considerados atividades criminosas e conseqüentemente dando origem a um desastre econômico. Para sustentar uma economia sob estas condições, há necessidade de contínua aplicação de força e terror contra a população. Apesar destas medidas, o melhor que se pode obter é a estagnação em comparação com o desenvolvimento observado nas nações do mundo livre.

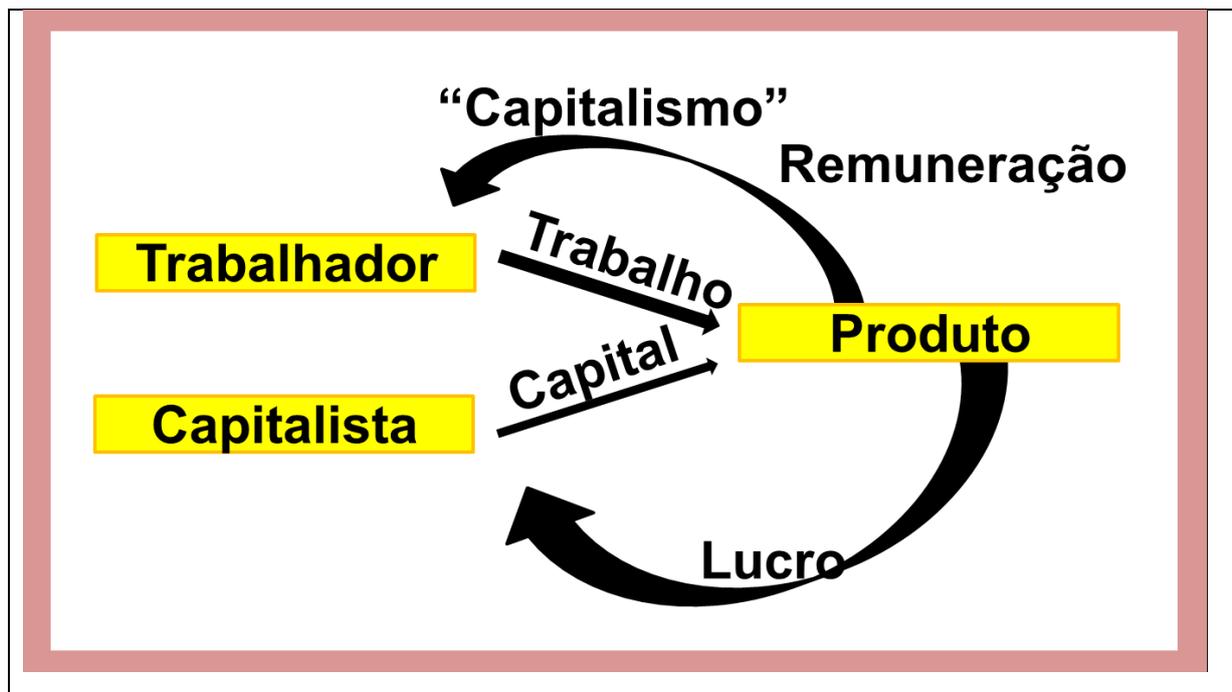
Quando falamos das teorias econômicas marxistas, nos referimos à teoria do valor do trabalho desenvolvida pelos economistas clássicos e adotada por Marx, bem como à teoria da mais-valia, que tanto Engels quanto Lenin descreveram como um dos critérios mais valiosos de

Marx.

Estas teorias se encontram em O Capital subintituladas como "Crítica da Economia Política". Economia política refere-se à atividade dos economistas clássicos como Adam Smith ou David Ricardo, que aceitavam o sistema de mercado livre como um sistema necessário e natural tentando compreendê-lo. Marx, ao contrário, começou com a crença de que o sistema de mercado livre era uma aberração e tinha que ser destruído pela revolução.

Como salientamos no Capítulo 2, Marx trabalhou para o crescimento da revolução, desenvolvendo uma ideologia à qual ele referiu-se como "arma espiritual" Marx também tentou conciliar sua crença obstinada sob uma fachada de "ciência". Este processo atinge seu ápice em sua análise do "capitalismo".

O "capitalismo" como Marx o via, é bem diferente daquilo a que comumente nos referimos como capitalismo hoje. Para Marx, o capitalismo era um estágio no progresso da história da luta de classes. Sob o capitalismo, as duas classes principais que lutavam entre si eram os trabalhadores e os capitalistas. Os trabalhadores são os que contribuem com seu trabalho para a produção, mesmo sem ter propriedade, isto é, não compartilham a posse dos meios de produção. Os capitalistas, por outro lado, possuem toda a propriedade e não contribuem com trabalho para a produção. Obviamente, ambos são necessários para gerar produtos.



O trabalhador, então, contribui com seu trabalho, enquanto o capitalista contribui com seu capital. Marx argumentaria, entretanto, que o capital com nada contribui para o valor dos produtos. O valor vem exclusivamente do trabalho. O trabalhador, então, é o único contribuidor para o valor da mercadoria. Mesmo assim o trabalhador recebe uma insignificância como pagamento, enquanto o capitalista fica com a parte do leão em forma de lucro.

Marx determinou-se a revelar a todos a verdadeira natureza deste processo. Começou a fazê-lo com a teoria do valor.

I. A TEORIA DO VALOR DO TRABALHO

Teoria do Valor - Trabalho

A. VALOR DE MERCADORIA

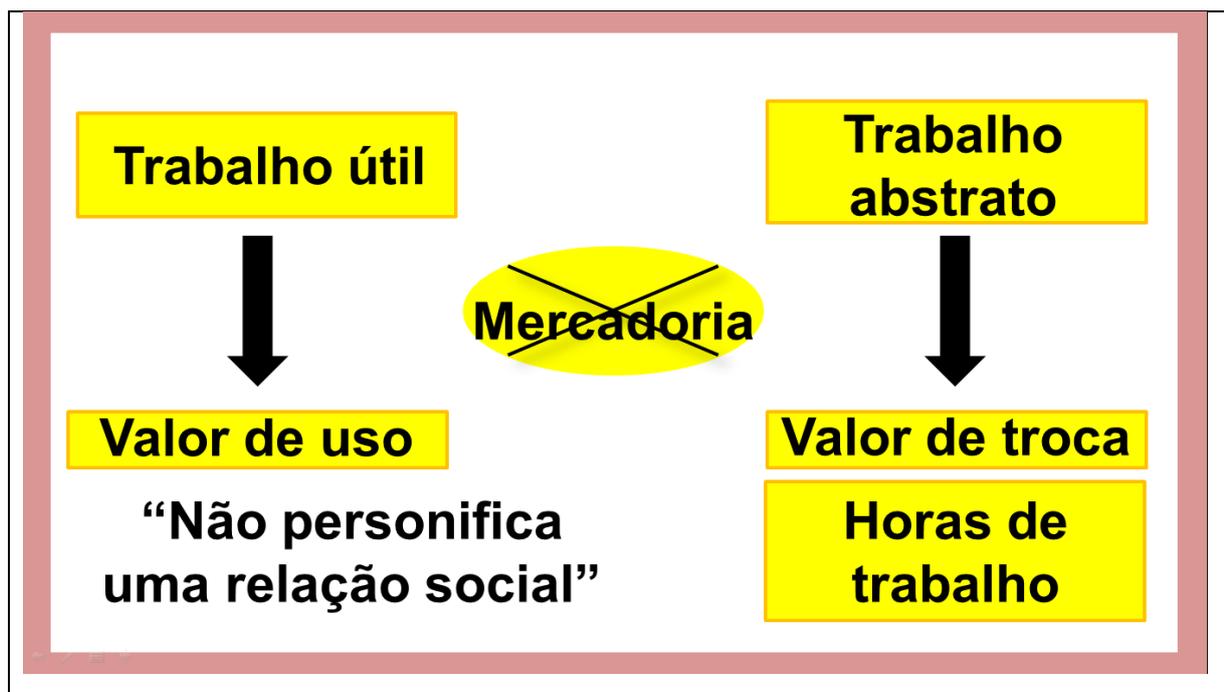
De acordo com Marx, a mercadoria é a unidade básica da estrutura econômica capitalista. No capitalismo a mercadoria é produzida mais com a finalidade de comércio do que de consumo. Isto é, o capitalista que produz está mais interessado em vender do que usar. Para Marx, isto é o princípio do peculiar mundo do capitalismo.

Mercadoria

Reproduzida para a Troca mais do que para o Consumo

A seguir Marx começa a determinar valor para a mercadoria e conclui que há dois tipos possíveis de valor. Isto o leva a considerar dois tipos de trabalho que geram estes dois tipos de valor. O primeiro tipo de trabalho que geram estes dois tipos de valor. O primeiro tipo de valor é determinado pelo uso particular que é feito da mercadoria. É o "valor de uso", gerado pelo "trabalho útil". O uso de uma caneta é poder escrever; isto lhe dá certo valor de uso. O uso de um copo é poder comportar líquido. Isto lhe dá certo valor de uso.

O outro tipo de valor identificado por Marx é o "valor de troca". O valor de troca refere-se ao valor da mercadoria conforme sua circulação. Isto é, o valor de troca é o preço da mercadoria. De acordo com a teoria de valor do trabalho, o valor de troca é o resultado de um tipo de trabalho diferente, "trabalho abstrato". Trabalho abstrato é trabalho genérico. É a base do esforço humano, indiferente às características da atividade laboral.

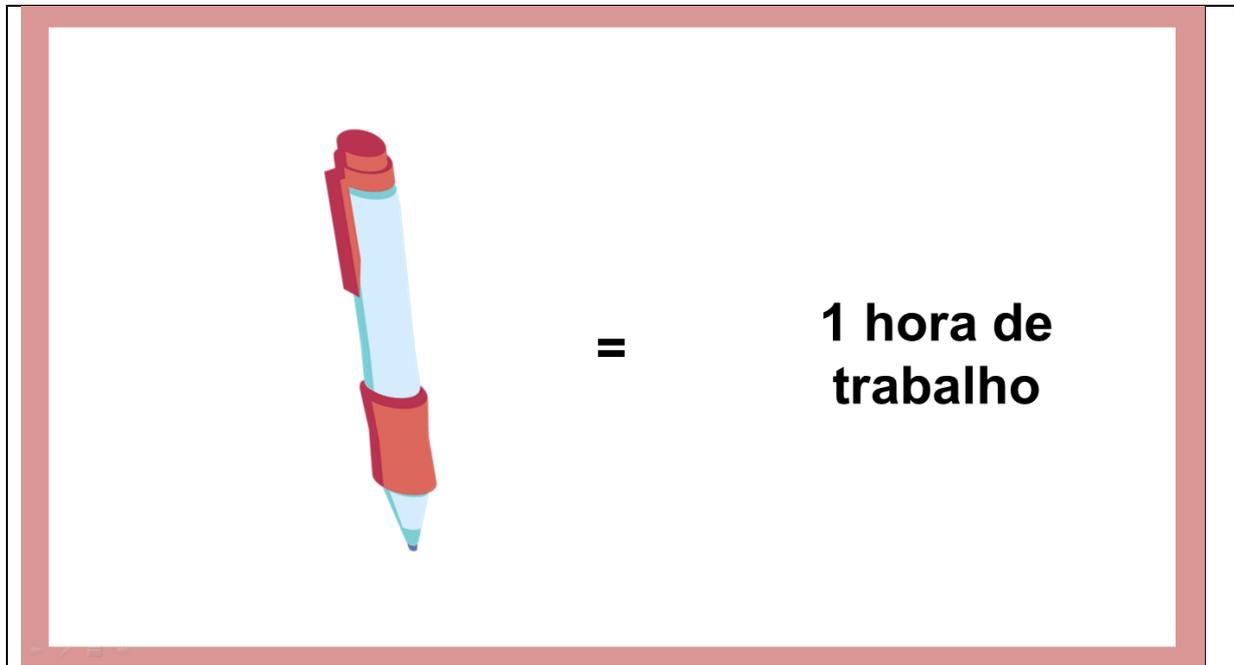


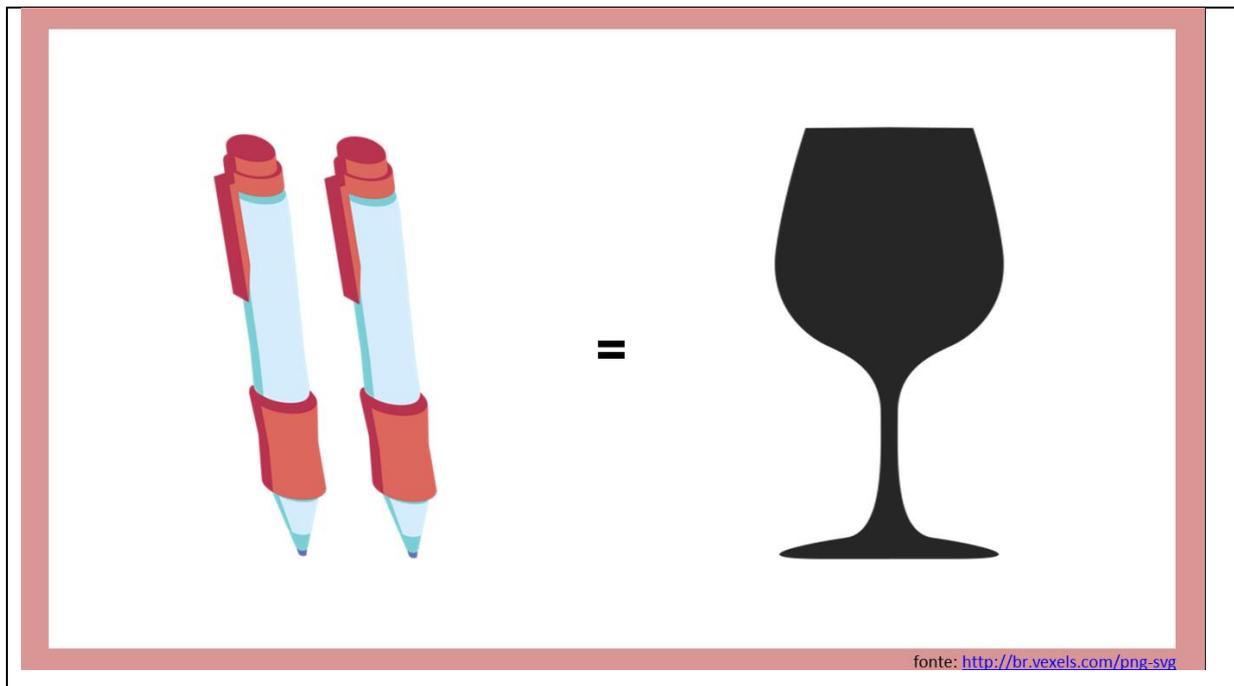
Na economia marxista, quando se faz referência ao valor de mercadoria, o valor referido é o valor de troca. O valor de uso é de interesse para o economista porque ele "não incorpora uma relação social". Isto é, já que no capitalismo a mercadoria é produzida para o comércio, o aspecto importante do valor da mercadoria é o valor de troca.

Finalmente, a quantidade de trabalho abstrato, e o valor de troca de uma mercadoria podem ser medidos na forma de horas de trabalho gastas para produzir esta mercadoria. Esta avaliação deve incluir todas as horas de trabalho gastas desde o momento em que as matérias-primas são tiradas da natureza até o ponto em que o produto pode ser comercializado. O trabalho despendido para fazer ferramentas e maquinário também deve ser incluído.

Por exemplo, se uma caneta requer uma hora de trabalho para ser

feita, então o valor da caneta será de uma hora de trabalho. Se um copo requer duas horas de trabalho, então o valor do copo será de duas horas de trabalho. Neste caso, duas canetas terão o valor equivalente de um copo.





Para resumir o que foi dito, para Marx, o valor de mercadoria refere-se ao valor de troca, que é igual ao preço de venda. E isto é igual ao número de horas de trabalho requeridas para produzir a mercadoria. O número de horas refere-se ao tempo médio necessário para um trabalhador produzir uma determinada mercadoria.

Valor = Preço = Horas de trabalho

Média de horas de trabalho

Isto pode ser considerado como o ponto fundamental para a discussão das teorias econômicas de Marx. Deve ser notado, entretanto, que ocasionalmente Marx se retratará e reafirmará suas definições para obter uma correspondência entre teoria e realidade. Isto é, confrontado com o fato de que o preço não corresponde com as horas de trabalho, mais tarde Marx modificou seu conceito de valor de troca para que não estivesse diretamente relacionado ao preço. Se o preço não é igual ao valor de troca, ou mesmo claramente relacionado com o valor de troca, então o termo valor de troca deixa de ter significado empírico. Ao contrário, ele vem significar algo semelhante ao "preço justo" medieval e tem apenas um significado moral. Já que este não é o modo pelo qual Marx desenvolve suas teorias, reteremos a definição de preço como o mesmo valor de troca.

A questão essencial a ser notada aqui é que de acordo com Marx, o valor é determinado no processo de produção e não no mercado.

De acordo com Marx
**O valor é determinado no processo de
produção**

Não no mercado

B. A CONVERSÃO DAS HORAS DE TRABALHO

Descobrimos imediatamente que esta teoria contradiz o que podemos observar no mercado. Podemos encontrar, por exemplo, que no mercado existe um relógio e um monte de cascalho. O relógio custa \$50 e o cascalho custa \$5, mesmo parecendo que se demorou cinco horas para produzir cada um deles. (3)

Na tentativa de salvar a teoria de valor do trabalho, Marx introduziu o conceito da conversão das horas de trabalho. De acordo com este conceito, as horas de trabalho gastas na escavação do cascalho são simples e sem especialização, enquanto que as horas gastas para a fabricação do relógio são complexas e especializadas. O fator conversão deve ser calculado para mostrar quanto esforço humano foi gasto para os diferentes tipos de horas de trabalho. Isto é, ambas as quantidades de

trabalho devem ser expressas em termos de seu denominador comum, horas de trabalho abstrato. Neste exemplo, uma hora de trabalho complexo e especializado teria o valor de 10 horas de trabalho abstrato, enquanto que uma hora de trabalho simples e sem especialização teria o valor de uma hora de trabalho abstrato. O relógio vale, assim, 50 horas de trabalho abstrato, enquanto o cascalho vale cinco. Vende-se o relógio por \$50 e o cascalho por \$5. O problema da variação de preço do relógio e do cascalho é, então, aparentemente resolvido.

A conversão das horas de trabalho	
Relógio	Cascalho
5 horas de trabalho especializado	5 horas de trabalho não especializado
1 hora útil = 10 horas abstratas	1 hora útil = 1 hora abstrata
50 horas de trabalho abstrato	5 horas de trabalho abstrato
\$50	\$5

C. Crítica da teoria de valor do trabalho

Qual é o significado da hora de trabalho abstrato? Numa economia marxista ela deveria servir como a base para o estabelecimento de preços. Na verdade; ela jamais pode ser determinada por avaliação empírica. Pode ser apenas avaliada com base em preços estabelecidos no

mercado.

É assim que as horas de trabalho são calculadas na União Soviética hoje. É impossível calcular a quantidade do tempo de trabalho requerido para produzir mesmo uma mercadoria extremamente simples. Tal cálculo requereria uma regressão quase infinita de cálculos para determinar o trabalho gasto em cada etapa da fabricação, mais o trabalho gasto em ferramentas, ferramentas usadas para fazer ferramentas, etc. Por este motivo, os preços na União Soviética são estabelecidos em relação ao mercado de preços do mundo livre. Marshall Goldman descreve esta anomalia:

A melhor anomalia é o modo pelo qual o Conselho de Mútua Assistência Econômica (CMAE), decide como os países devem fixar seus preços para a venda entre si. Por suas moedas não serem conversíveis e porque seus sistemas de preço interno são tão racionais e arbitrários, eles acham mais simples usar os preços do comércio exterior cobrados por bens similares por empresas privadas no mercado capitalista. Quando perguntaram a um planejador soviético como o CMAE decidiria os preços quando, como prometido, todo o mundo se tornasse comunista, ele respondeu com uma piscadela maliciosa: "manteremos um país capitalista exatamente para esta finalidade". Se ele compreendia que o mercado de preços mundial apenas tem significado quando há várias partes envolvidas, não foi esclarecido. (4)

O mercado, então, é onde os preços significativos podem ser determinados. Consideremos a operação do mercado.

Crítica à teoria de valor-trabalho

As horas de trabalho abstrato não podem ser calculadas anteriormente à troca

Na União Soviética as horas de trabalho são calculadas a partir dos preços

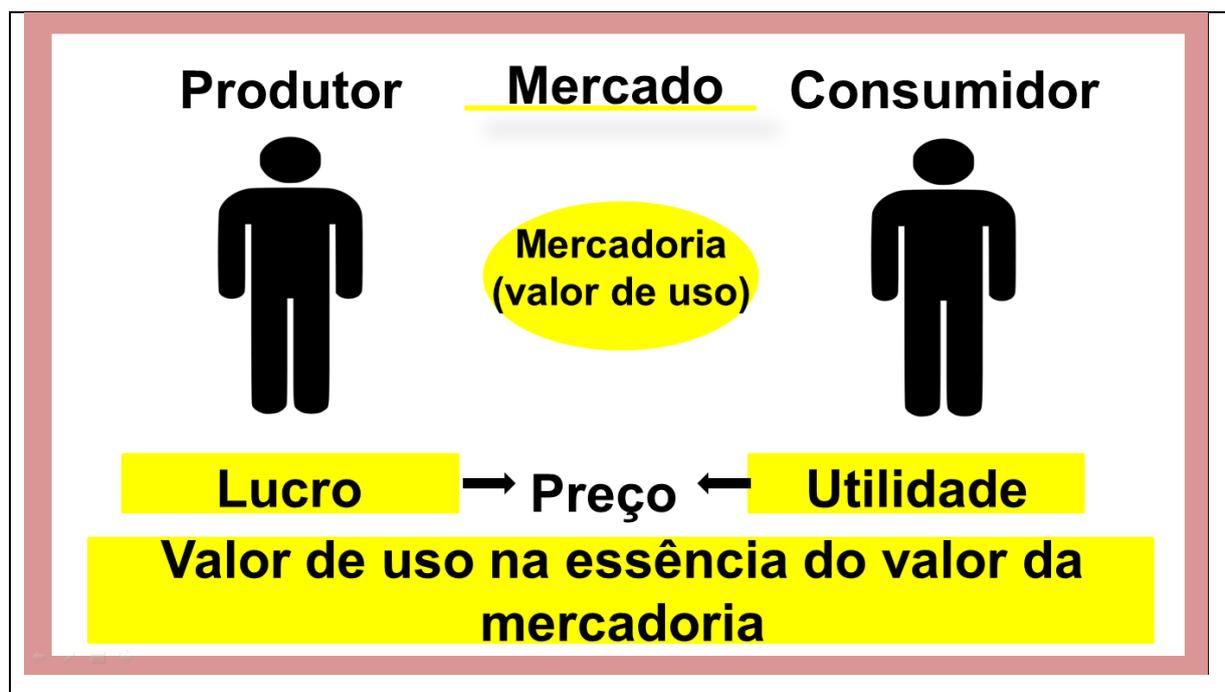
Os preços são determinados no mercado

O mercado

É no mercado que produtor e consumidor se encontram. O centro de seu relacionamento é a mercadoria. Em particular, eles estão interessados no valor de uso da mercadoria. Portanto, o modo pelo qual estas duas partes veem o valor de uso da mercadoria é diferente. Tomemos o exemplo do relógio. O consumidor considera a utilidade do relógio. Isto é, ele quer um relógio para marcar as horas e talvez desempenhar outras funções de um relógio moderno. Portanto, ele avalia a utilidade que tem para ele o tal relógio em particular oferecido no mercado.

O produtor vê as coisas de uma perspectiva diferente. O valor de uso do relógio é interessante para ele devido ao seu potencial de retorno de lucro. Com base neste potencial de retorno de lucro (lucratividade), ele

determinará certo preço para o relógio.



Digamos que o consumidor vá ao mercado com \$100 no bolso e certa ideia do relógio que deseja comprar. O produtor oferece o relógio, no qual investiu \$70, e por ele pede \$85. O preço é aceito pelo consumidor e o negócio é feito.

Vemos claramente que o valor de uso é a essência do valor de mercadoria. O processo de definição de preço não impôs diretamente um cálculo das horas necessárias de trabalho para produzir a mercadoria.

Por que a teoria de valor do trabalho?

A teoria de valor do trabalho é considerada atualmente como uma curiosidade do século XIX pela maioria dos economistas do mundo livre. Ela tem um papel importante apenas no pensamento econômico

dos países comunistas ou partidos marxistas, onde foi prestada submissão anterior ao pensamento marxista. Pode-se perguntar, por que Marx se envolveu com uma teoria desenvolvida pelos economistas clássicos que ele tanto odiava e rejeitada desde esse tempo por quase todos os economistas?

A resposta é que a teoria de valor do trabalho desempenha papel importante na estrutura geral das teorias econômicas marxistas. Marx esperava claramente convencer os trabalhadores para a causa comunista, mostrando-lhes que todo valor vem do trabalho. Algumas pessoas têm dito que os revolucionários marxistas prometem aos trabalhadores a posse de tudo se eles se juntarem à revolução. Pode ser mais correto dizer que o marxismo procura convencer os trabalhadores que eles já são, por direito, os donos de tudo e quando as relações capitalistas forem destruídas, sua posse será reconhecida e aceita.

Finalidade das teorias econômicas de Marx

Trazer os trabalhadores para o Comunismo

Mostrar que todo valor vem do trabalho

II. A TEORIA DA MAIS-VALIA



Em seu discurso ao lado do túmulo de Marx, Engels citou a teoria, da mais-valia como a mais alta conquista de Marx. Lenin chamou-a de "reduo da economia marxista" e baseou nela sua teoria do imperialismo. Hoje, na Nicarágua, as crianças são doutrinadas na teoria da mais-valia nos textos da escola primária. Examinemos este componente importante da ideologia marxista.

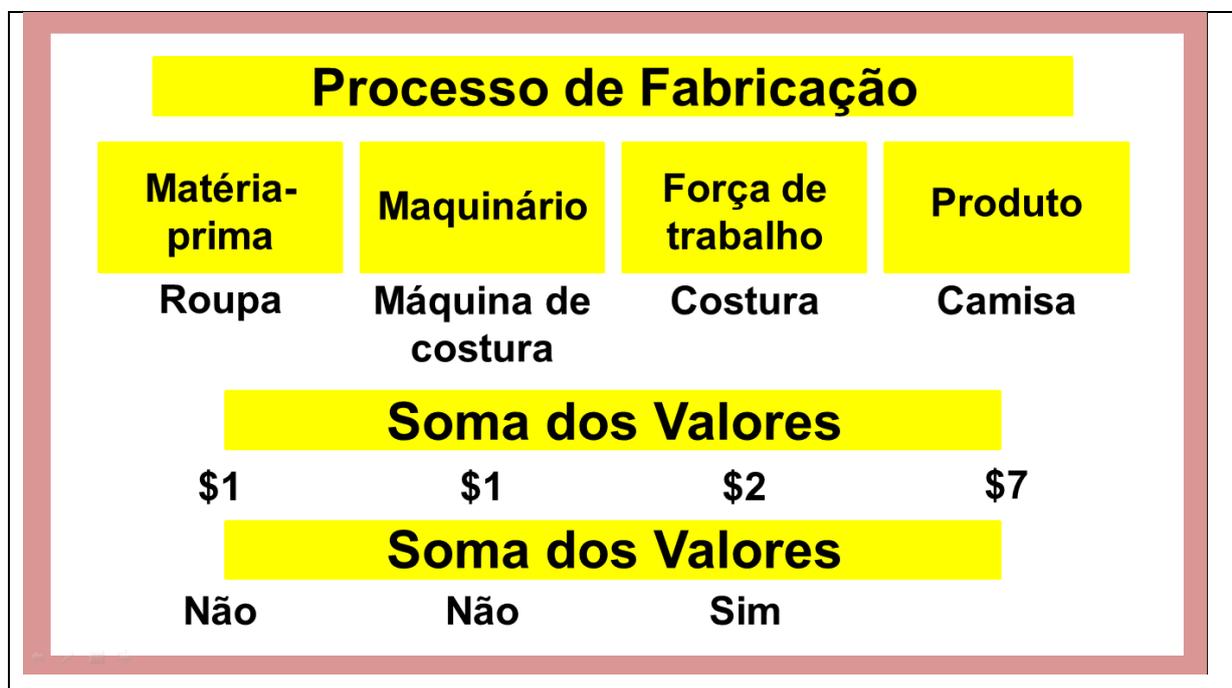
O PROCESSO DE FABRICAÇÃO

De acordo com a análise feita por Marx, existem três componentes para aumentar a margem de lucro do produto. Há a matéria-prima, o maquinário e a força de trabalho dos trabalhadores. Ilustremos os três com o exemplo da indústria de camisas, frequentemente citada por Marx

em O Capital.

Neste processo de fabricação, a matéria-prima seria o tecido, o maquinário seriam as máquinas de costura e a força de trabalho, a costura. O produto, naturalmente, é a própria camisa. O papel do economista marxista é somar os valores com os quais contribui cada um destes elementos. Digamos em nosso exemplo que o fabricante paga \$1 pelo tecido que necessita para cada camisa. Abate também \$1 de depreciação por cada camisa produzida. Pode também usar este dinheiro para comprar uma nova máquina de costura quando a atual estiver gasta. Paga \$2 para o trabalhador para cada camisa. Finalmente cobra \$7 dólares por camisa no mercado no montante da venda. Os \$7 representam o valor real da camisa como determinado pela teoria de valor do trabalho.

[...] As mercadorias são vendidas por seu valor real e os lucros são derivados da venda ao seu valor. (5)



Obviamente o total gasto pelo capitalista é \$4 e o total da venda é \$7. Há uma diferença de \$3 que o capitalista chama "lucro" e guarda para si. A questão apresentada por Marx é: pertencerá o lucro aos capitalistas? Em caso negativo, a quem pertencerá? Para responder esta pergunta, Marx procurou determinar que a quantidade de capital dispendido na fabricação da camisa é capital "variável"; isto é, em quanto o capital é aumentado no processo de fabricação da camisa.

De acordo com Marx, o capital gasto em matéria- prima não é variável. É "capital constante" o valor das matérias-primas não sofrem nenhuma diferença durante o processo de fabricação. Marx também determina que o capital gasto em maquinário seja constante e não variável. Afirma ainda que a máquina contribui com seu próprio valor de troca no produto que ela faz. Para descobrir quanto de valor de troca foi no produto, toma o preço da máquina e o divide pelo número de produtos manufaturados antes que ela se torne inoperante. A máquina está transferindo este valor de troca em cada produto. Marx também acreditava que o capitalista está ciente desta soma e a está separando de sua renda; assim, será capaz de comprar uma nova máquina quando a antiga estiver imprestável.

Se considerarmos agora o caso de qualquer instrumento de trabalho durante todo o período de serviço, desde o dia de sua entrada na oficina, até o dia em que não seja mais ocupado, descobrimos que durante este período, seu valor de uso foi completamente consumido e, portanto, seu valor de

troca foi completamente transferido para o produto. (6)

Se nem o capital investido em matérias-primas nem aquele usado para depreciar o maquinário for capital variável, então o que fica? A resposta é óbvia. Marx afirmava que o capital usado para comprar a força de trabalho do trabalhador é capital variável. É este capital que dá surgimento ao lucro, O lucro vem exclusivamente da força de trabalho do trabalhador.

Ao elaborar sua teoria da mais-valia, Marx argumentava que havia dois períodos de tempo dentro de cada dia de trabalho. As primeiras poucas horas do dia são as horas de trabalho necessárias. O trabalho desempenhado pelo trabalhador durante este tempo é suficiente para gerar valor de troca para alimentá-lo, vesti-lo e permitir que se reproduza, e isto é exatamente o que lhe será pago. As horas restantes do dia são as horas de trabalho excedente. Conforme o trabalhador trabalha nestas horas, está gerando valor excedente (mais-valia) que o capitalista lhe toma. Em nosso exemplo, o trabalhador na máquina de costura gerará \$2 de valor de troca durante as horas de trabalho necessárias e isto será seu pagamento. Conforme ele termina o dia no qual vendeu sua força de trabalho, ele gerará outros \$3 de valor excedente para o capitalista.

Dia de trabalho

**Horas de
trabalho**

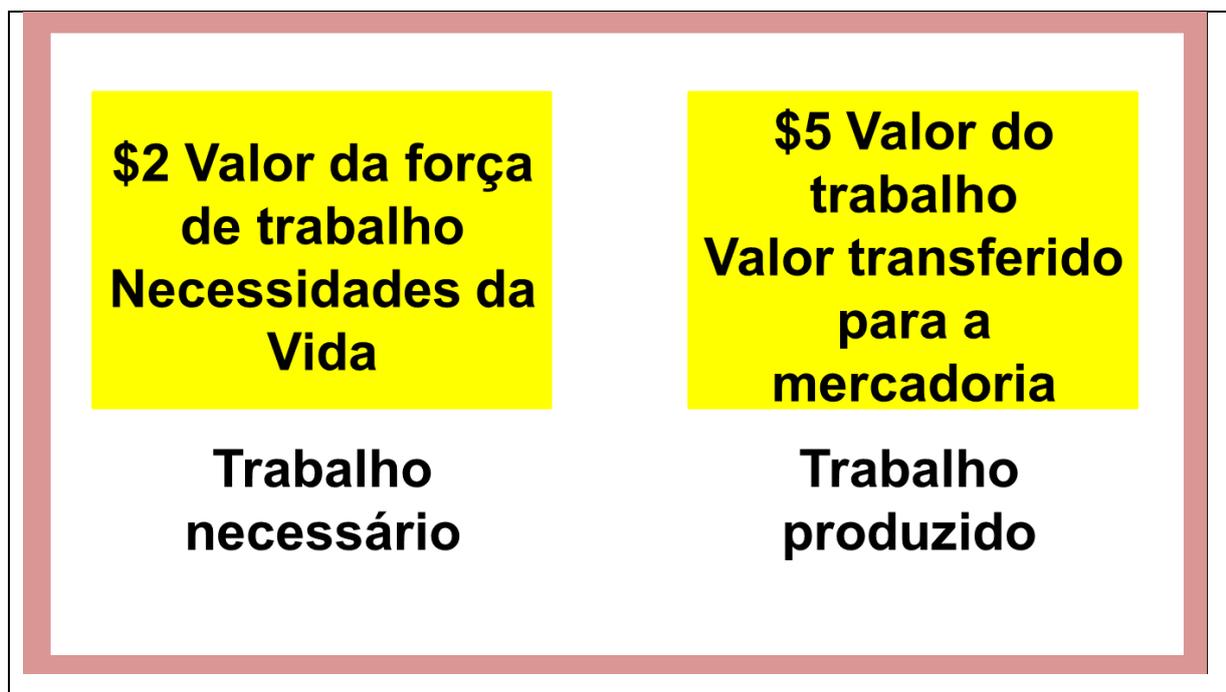
\$2 salário necessário

**Horas de
trabalho
excedentes**

\$3 Mais-Valia

Marx afirmava que com este critério ele havia descoberto o segredo da produção capitalista e agora podia prever a falência do capitalismo. Marx disse que com \$2, o capitalismo em nosso exemplo podia comprar um dia de força de trabalho por seu valor de troca. Lembre-se que o valor de troca é igual à soma de trabalho necessário para produzir a mercadoria. No caso da força de trabalho, disse Marx, isto seria igual às necessidades da vida suficientes para manter o trabalhador vivo.

Tendo comprado a força de trabalho por \$2, entretanto, o capitalista está agora em uma posição para ver o valor de sua compra expandir-se. Em nosso exemplo, o valor expande-se para \$5. Estes \$5 são o valor de trabalho despendido pelo trabalhador durante um dia. Este valor é transferido para o capitalista na forma das mercadorias que ele afirma ser sua propriedade. Ele vende as mercadorias e embolsa o valor excedente.



Isto é possível, diz Marx, porque a força de trabalho é a única mercadoria que se expande em valor conforme é usada. O capitalismo compra a força de trabalho objetivada do trabalhador, mas ela é emprestada novamente como trabalho vivo de maior valor de troca.

A conclusão desta análise é que o lucro pertence ao trabalhador, mas é injustamente mantido pelo capitalista. O trabalhador é preso numa posição de contínua exploração e o capitalista é levado a explorar. Se ele deixar de explorar seus trabalhadores, será destruído impiedosamente por outros capitalistas.

A única saída para o dilema — a única solução para a contradição do capitalismo — é a revolução. Quando o capitalismo for destruído, a exploração terminará. A teoria da mais-valia tem servido muito bem como propaganda. Ela tem alimentado as chamadas da revolução, particularmente a base da teoria do imperialismo de Lenin. Tragicamente, para estes países que caíram sob o comunismo, a

economia marxista e a teoria da mais- valia são uma falha imensa como sistema econômico.



III. O IMPACTO DAS TEORIAS ECONÔMICAS MARXISTAS NOS PAÍSES COMUNISTAS

Na União Soviética e outros países comunistas, tentativas têm sido feitas para tornar lei as teorias econômicas marxistas. Em resumo, a aplicação destas teorias tem sido um desastre para a economia soviética.

A economia oficial soviética não permite a fixação de preço, nem câmbio livre de bens no mercado. A produção é planejada centralmente. As fábricas dependem de planejadores centrais para supri-las de bens e, em troca, devem atingir quotas dadas pelos planejadores centrais. Assim, o processo de produção é isolado dos anseios dos consumidores que frustram seus desejos e necessidades daí resultando a ineficiência e as

falhas para satisfazer as necessidades dos consumidores. Se planos pedem produção de sapatos, sapatos serão produzidos, mesmo que as pessoas necessitem de capas de chuva.

Lawrence Minard e James W. Michaels descrevem a nocividade do planejamento central em um artigo em *Forbes*.

Em Alma-Ata visitamos uma fábrica de carpetes dirigida por uma mulher esperta e eficiente, Klara Nijasbayeva. Pelos padrões americanos é um tanto pequena, produzindo cerca de 1.2 milhões de jardas quadradas por cada 1100 trabalhadores. Carpetes estão em grande procura na União Soviética e estes parecem de boa qualidade. Nijasbayeva diz que poderia facilmente vender muitas vezes a produção atual se tivesse capital e recursos. Ela está tendo, dificuldades para manter os trabalhadores, também. Por que não aumentar o preço dos carpetes até onde o mercado comporta? Assim a fábrica origina dinheiro extra para expansão e para solicitar matéria-prima e trabalhadores de outras fábricas. A diretora balança a cabeça. "Não e não. Seria injusto para trabalhadores de outras fábricas. Um trabalhador estaria explorando o outro". Na teoria ninguém é explorado, mas poucas pessoas conseguem carpetes. Os que realmente querem conseguir carpetes provavelmente subornam um empregado da loja. Enquanto isso, lã e trabalho que poderiam ter sido usados para atender a demanda de carpetes são usados para jaquetas de baixa qualidade que não serão vendidas.

Argumentos empíricos contra a economia de valor de trabalho centralmente planejada

É interessante notar que dentro da União Soviética, todas as terras para agricultura são controladas pelo Estado. Entretanto, a maioria dos fazendeiros soviéticos tem acesso a pequenas áreas privadas que perfazem menos de 4% da terra arável do país. É estimado que estas pequenas áreas produzam 25% do total da produção da colheita, uma enorme proporção em comparação com os setores coletivos do Estado.⁸ Evidentemente o sistema soviético falha em dar às pessoas o incentivo necessário para trabalhar para o estado.

Outro exemplo é a China. Nos anos setenta, Zhao Ziyang, o primeiro secretário do Partido Comunista na província de Si Chuan, iniciou uma experiência, permitindo que seis fábricas mantivessem uma parcela de seu lucro. Poderiam usar esse lucro em reinvestimentos ou na distribuição de bônus para os trabalhadores. Poderia também, vender diretamente qualquer produto, diversificar sua linha de produção e procurar o mercado externo. Do mesmo modo poderiam premiar trabalhadores produtivos e punir os que não fossem. Hoje o programa expandiu-se das seis fábricas para 6.600, colaborando com mais de 45% para a produção industrial. Em 1984 um porta-voz comunista chinês chegou a alertar contra a adesão às doutrinas marxistas. (9)

A economia soviética hoje

De 1951 a 1955, o PNB soviético mostrou uma taxa de crescimento anual de 6%. Esta taxa tem decrescido constantemente desde aquele

tempo. De 1976 a 1980, a taxa de crescimento soviético foi menos de 3%.
(10)

A Europa Oriental está com um débito de \$80 bilhões com o mundo ocidental. Muitas pessoas dizem que se fosse cortado o apoio dado pelo Ocidente, a bancarrota desta economia seria apenas uma questão de tempo.

Por que o bloco soviético está com sérios problemas econômicos? Eles surgem essencialmente da adesão dogmática da União Soviética aos princípios econômicos marxistas. Para cobrir a inoperância do sistema soviético, seus adeptos têm optado pela corrupção e suborno. Em *USSR: The Corrupt Society*, Konstantin Simis salienta que não há lugar na sociedade soviética para aqueles que não aceitam a corrupção. O mesmo é mencionado por Ilja Zemtsov em *Corruption in the Soviet Union*. Simis enfatiza que dentro da União Soviética qualquer um que seja realmente honesto e por esta razão não pode alcançar as cotas de produção, é visto como um inimigo do Estado.

Simis cita o exemplo de uma fábrica de utensílios a qual o governo esperava que excedesse sua cota de produção para aquele ano. Quando chegaram os últimos dias, parecia evidente que a meta não seria alcançada. Para se proteger desta falha o gerente ajuntou todos os utensílios das pessoas na vila onde estava localizada a fábrica, pintou-os novamente e apresentou-os como parte da produção anual. Alguns dias mais tarde os utensílios foram devolvidos para seus donos.

Como resultado deste desempenho, o gerente da fábrica recebeu um posto mais alto dentro do governo. Além de um grande bônus, seu segundo homem tornou-se o gerente da fábrica. Os técnicos também

receberam um bônus muito atraente. Os trabalhadores receberam um prêmio e uma noite em que puderam embebedar-se.

Em *Analysis of a Spector*, o soviético francês Alain Besançon conclui que a economia soviética é, na verdade, um desastre. Besançon nota, por exemplo, que os soviéticos afirmam ser o maior produtor de aço do mundo, mas não está muito claro para onde está indo a produção de 145 milhões de toneladas anuais. Esta quantidade é equivalente à produção do Japão e Alemanha que juntos produzem 12 milhões de carros. Contudo, a União Soviética produz menos carros do que a Espanha, possui um sistema de rodovias um pouco maior do que a Índia, tem apenas algumas rodovias pavimentadas mais do que a França e mesmo em termos de armamento, sua produção de tanques não pode consumir alguns milhões de toneladas do aço que supostamente produz. Besançon conclui que estes 145 milhões de toneladas representam, globalmente, a produção real de aço, composta de aço inferior, de aço rejeitado; de aço para enferrujar, de pseudo-aço, e, finalmente, da pseudo produção de aço.

A noção de que a União Soviética é a segunda potência econômica do mundo também é um mito. Besançon salienta que a União Soviética tem menos telefones do que a Espanha e menos automóveis do que o Brasil. Produtos como computadores ou mesmo fotocopiadoras são virtualmente desconhecidos.

Besançon zomba da ideia de que a URSS tenha "um padrão de vida um pouco mais alto do que a Espanha". Mesmo que o trabalhador espanhol necessite quase o mesmo tempo de trabalho que seu parceiro russo para comprar um aparelho de televisão, um par de sapatos ou um

aspirador de pó, Besançon nota que há diferenças óbvias.

No caso da URSS, estamos falando do tipo de televisão que “se compraria no mercado-de-pulgas”. Quando falamos de sapatos, falamos do tipo de sapato que um trabalhador imigrante marroquino recusaria usar. Quando falamos de aspirador, falamos daquele que apenas ‘trabalha quando você dá um chute nele’.

Besançon sugere que, em vez da Espanha, seria mais adequado dizer que a URSS tem "um padrão de vida um pouco mais alto do que Bangladesch".

IV. CRÍTICA DA TEORIA DA MAIS-VALIA

Podemos agrupar nossas críticas da teoria da mais- valia de Marx sob três títulos.

1.SUPERSÍMPLIFICADA

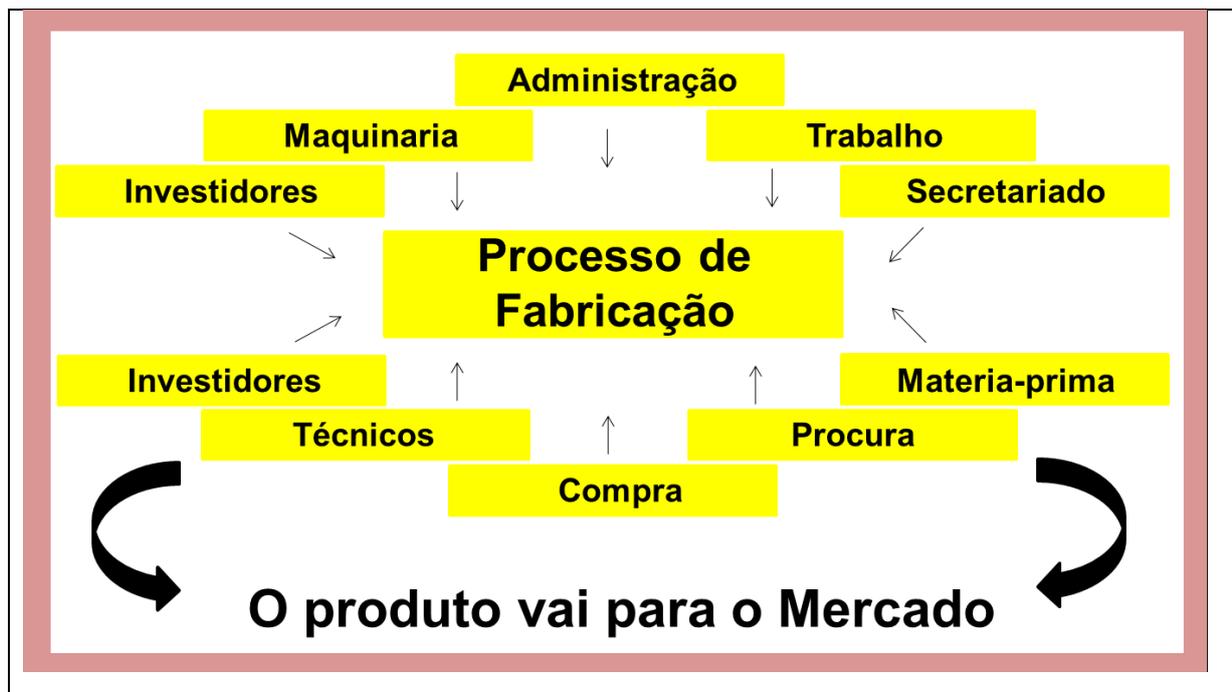
Marx

1. Surpersimplificado

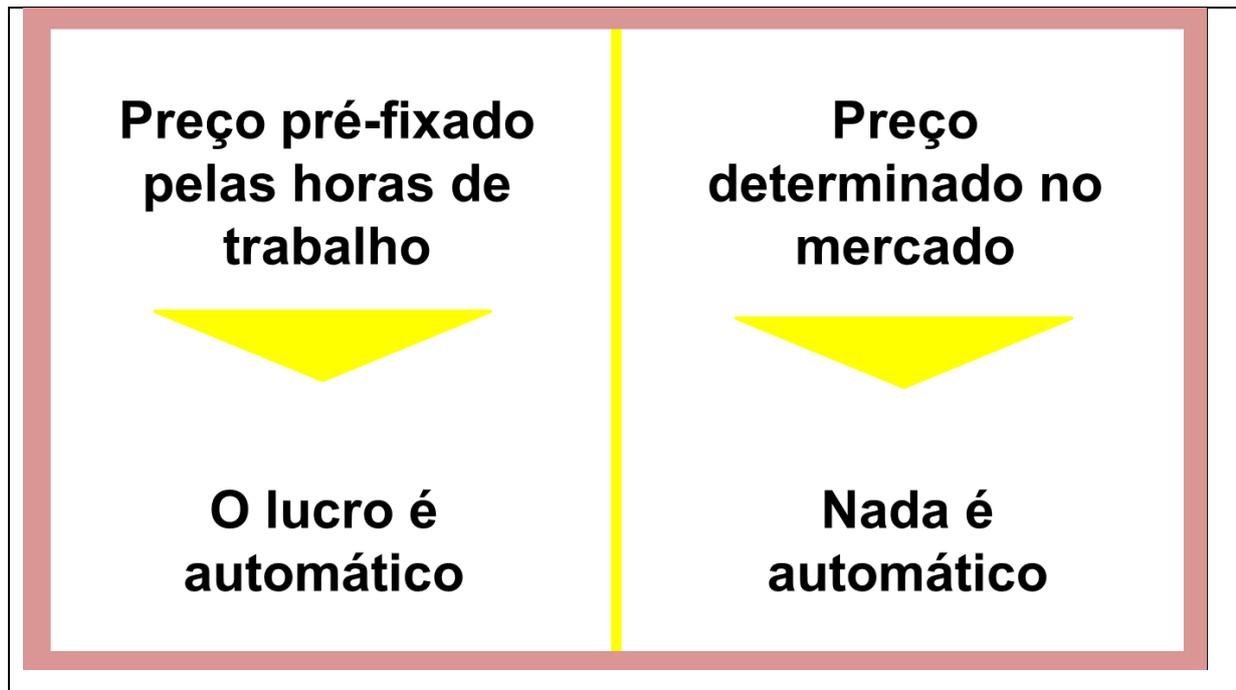
Marx concebeu o processo da fabricação consistindo vagamente de três componentes: matéria-prima, maquinário e trabalho. Esta, porém, é uma visão simples demais. Marx mostra muito pouca compreensão do papel do investidor. Para Marx, o investidor é um capitalista. Como tal, é um explorador, e se ele explora impiedosamente, será capaz de embolsar considerável quantia de dinheiro.

Na realidade, o papel do investidor é muito mais complexo, mais criativo, mais arriscado e muitas outras coisas. O investidor deve determinar onde e quando investir o capital. Ele não tem garantia de sucesso, e maior rudeza não é garantia de maior eficiência. Ele não tem garantia de sucesso, e maior rudeza não é garantia de maior eficiência.

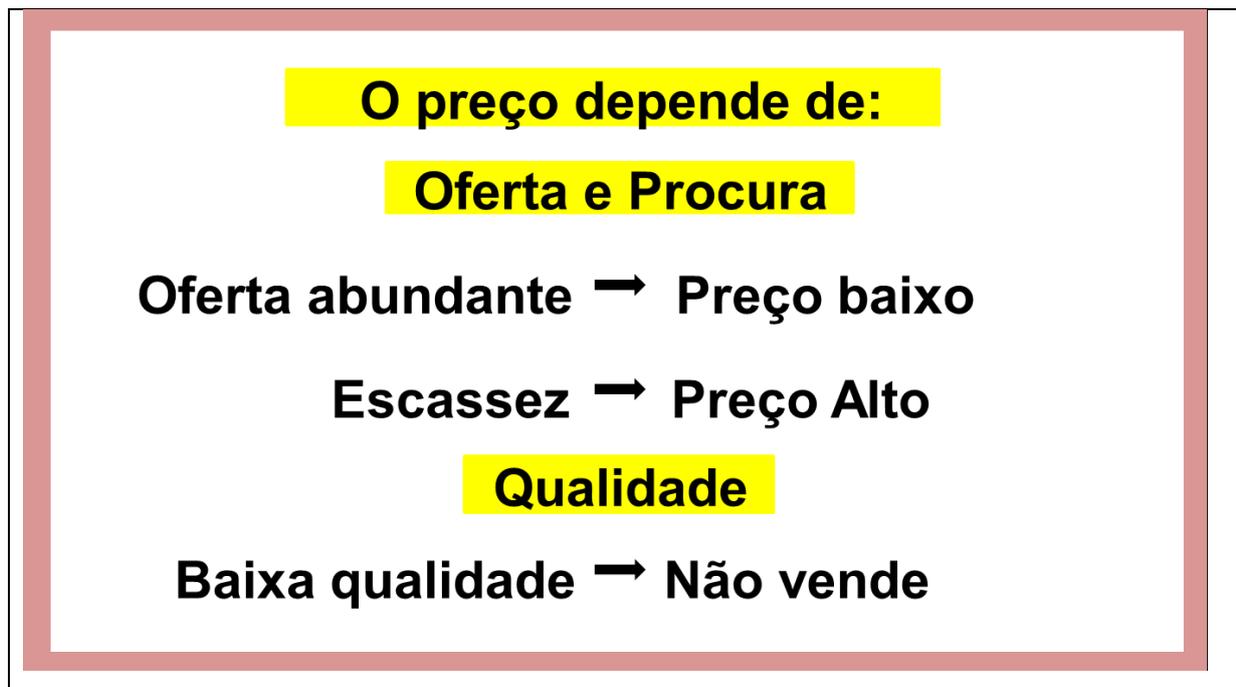
Também há outros papéis chave, como gerência e secretariado, inventores, engenheiros, pesquisadores e compradores. Tudo isto deve funcionar em conjunto para haver sucesso na fabricação.



Tudo isso é apenas o primeiro passo, posteriormente o produto deve ser levado ao mercado. Como já temos visto, a concepção marxista de mercado é extremamente inadequada. Para Marx, o preço era pré-fixado pelo número de horas de trabalho mesmo antes de o produto ser levado à venda. O lucro do capitalista, assim seria automático. A realidade é outra. O preço é determinado no mercado e nada é automático.



Os preços dependem de certo número de fatores no mercado e principalmente da oferta e da procura. Quando existe muita oferta, os preços caem. Quando há falta, os preços sobem.

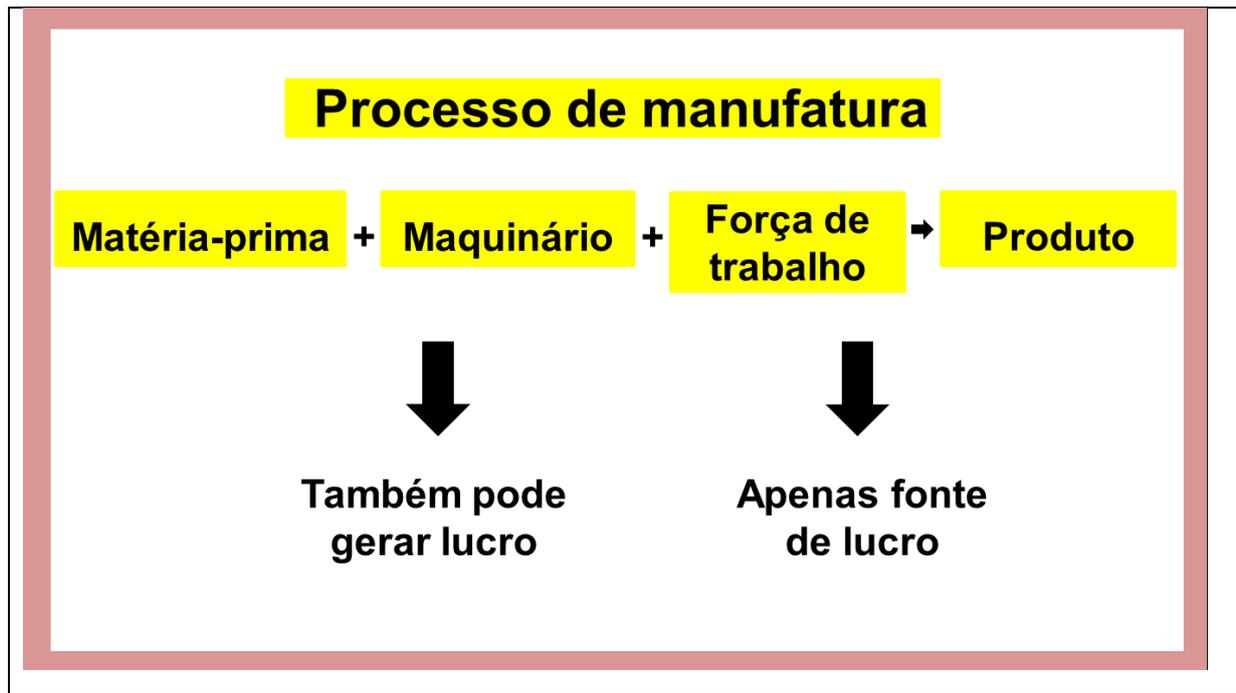


Em seu texto *Free to Choose*, Milton Friedman menciona três funções importantes desempenhadas pelos preços na organização da atividade econômica:

Primeiro, transmitem informação; segundo, provem incentivos para adotar aqueles métodos de produção que são menos dispendiosos e desse modo usam recursos disponíveis para os propósitos mais elevados; terceiro, determinam o quanto e quem ganha com o produto — a distribuição de renda. **(11)**

Talvez o mais fundamental na fixação de preço seja a qualidade do produto. Se um produto é de qualidade inferior, não haverá venda a despeito de quantas horas de trabalho foram investidas em sua produção. (Onde existe uma extrema escassez de bens de consumo, como na União Soviética e outros lugares, os consumidores poderão comprar sem se importar com a qualidade do produto e com suas necessidades pessoais. No primeiro caso, eles não têm escolha. No segundo, compram pela oportunidade e mais tarde trocam com outros compradores).

Mesmo que concordemos com Marx que há apenas três componentes em manufatura, descobriremos, todavia que ele cometeu um erro grave de supersimplificado. Marx afirma que a torça de trabalho é a única fonte de lucro e que o capital investido em matéria-prima e maquinário é capital constante. Observamos, entretanto, que o capital investido em maquinário não é capital constante, mas um fato capaz de multiplicar-se mesmo sem a força de trabalho.



Máquinas completamente automáticas como as montadoras de gravadores de som na Matsushita Electric Company, são altamente produtivas. Cada uma faz o trabalho anteriormente feito por seis empregados. Aos empregados é dado outro serviço menos tedioso na mesma companhia.

Outro exemplo é fornecido pelo robô soldador na Honda Motor Company. Estas máquinas são capazes de efetuar 130 soldas em 45 segundos, serviço que anteriormente exigia 32 minutos de 30 pessoas, além do que este serviço em particular era tido pelos trabalhadores como o mais desconfortável e perigoso.

Marx via o maquinário no capitalismo como um instrumento de exploração, e não entendeu o tremendo potencial das máquinas para libertar o trabalhador do tédio ao mesmo tempo gerando rendimentos para o fabricante. Uma máquina não é um capital constante, mas é capaz de gerar lucro por amplificar a força criativa do ser humano.

Por quê uma máquina pode gerar lucro?



A máquina amplia o poder criativo do ser humano

2. IRREAL

Marx

- 1. Surpersimplificado**
- 2. Irreal**

Marx condenou o "capitalismo", exaltou o "socialismo" e previu a

vinda do "comunismo". Contudo, o fato simples que permanece é que o desenvolvimento requer capital. Isto é verdade nos países capitalistas, países socialistas e países como a União Soviética, que exibe um tipo de monopólio de estado capitalista.



Pode ser dito que o processo de fabricação requer elementos de capital, gerenciamento e trabalho. Estes três devem agir juntos para gerar o produto, que por sua vez é levado ao mercado. No mercado, não há garantia de sucesso comercial. Isto depende grandemente se o fabricante foi capaz de satisfazer algumas necessidades do consumidor. Se a venda for efetuada, o fabricante terá lucro.

Pela perspectiva marxista, o lucro é um mal e um crime. Pela visão da CAUSA, entretanto, o lucro não é um mal. O lucro é uma recompensa dada pela sociedade para aqueles que aumentam a riqueza social pela aplicação de sua criatividade humana. O lucro é bom, mas deve ser

partilhado de modo justo com aqueles que contribuíram com sua criatividade para servir a sociedade. Constantemente isto não é feito. Nisto reside o "crime do capitalista". O crime não é obter lucro, mas a falha em dar o justo quinhão de lucro para todos que para com ele contribuíram.



Este crime resultou em ressentimento maciço contra os empresários e as corporações. Este ressentimento é um terreno fértil para o comunismo.

Deve ser lembrado, entretanto, que o lucro não está garantido. Os que querem participação justa de qualquer lucro gerado devem também estar dispostos a aceitar uma justa divisão das perdas.

3. INCOMPLETA

Marx

1. Surpersimplificado
2. Irreal
3. Incompleto

Marx disse muito pouco sobre a organização do comunismo, seu sistema econômico ideal. *No Critique of the Gotha Program*, ele escreveu o slogan que se popularizou como a simples descrição da vida sob o comunismo. "Dê a cada um conforme sua habilidade, para cada um conforme suas necessidades".

Este slogan pareceu a muitos como uma bela descrição de uma sociedade ideal, e deve ser admitido que nem existe algo de poético. Entretanto, devemos questionar mais profundamente para entender como tal slogan poderia ser realidade.

Como podem ser determinadas as habilidades? Mais especificamente, quem determina quais são as habilidades de uma pessoa? Além do mais, quem determina as necessidades de uma pessoa? Podemos sentir intuitivamente que algumas coisas são necessidades e outras, luxo, mas quem poderá determinar tais coisas? Alguém pode alegar que o único transporte de que necessita é um par de sapatos, enquanto outros alegam

que necessitam de uma bicicleta. Quando possuírem a bicicleta, poderão necessitar de um carro. Quando tiverem um carro, poderão alegar que seu tempo é valioso e que agora necessitam de um helicóptero. Quem poderá dizer?

Talvez se houvesse um meio de Deus fazer saber a cada indivíduo o que era esperado dele e o que lhe era permitido, poderíamos aceitar isto. Já que Deus não tornou estas coisas amplamente conhecidas, podemos nos sentir mais a vontade tomando tais decisões por nós mesmos. No mínimo, assim não teremos ninguém a quem culpar. Todavia, no mundo comunista, estas decisões são tomadas por uma terceira parte, o Estado. O Estado se encarrega de determinar as habilidades e necessidades das pessoas através de um elaborado sistema de cotas e distribuição.

Dê a cada um de acordo com sua capacidade, para cada um de acordo com suas necessidades.

Vai contra a natureza humana:

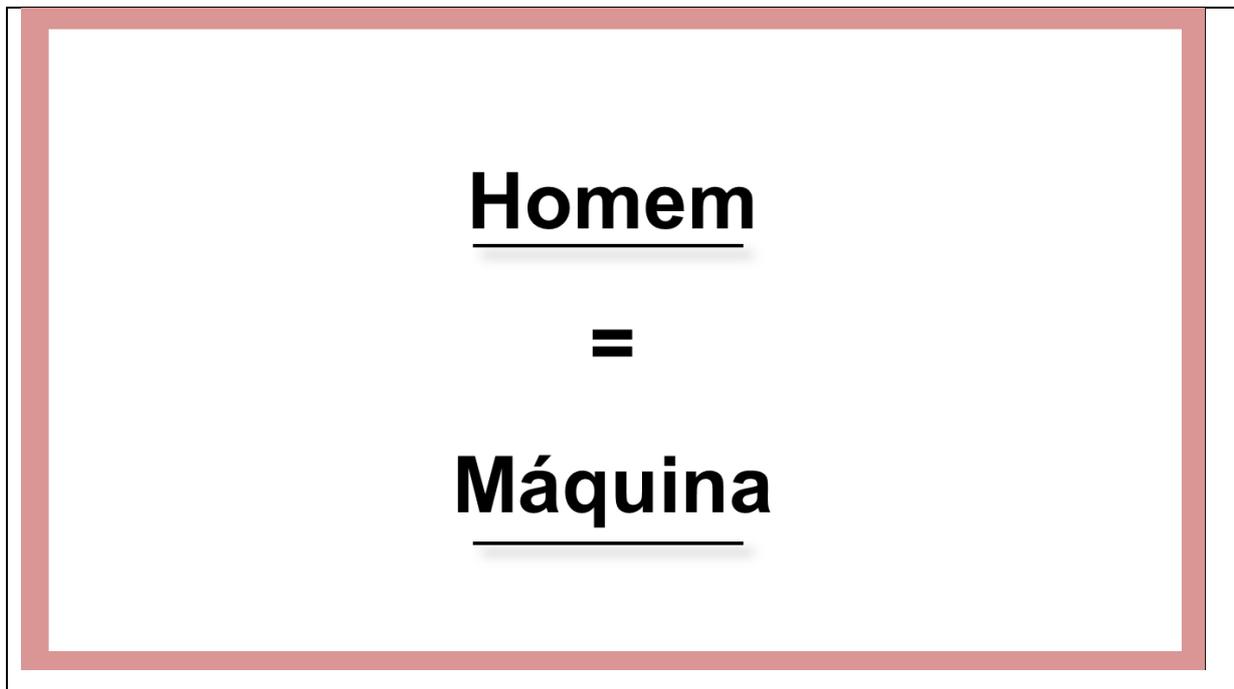
- 1. Desejo de receber: benefício próprio**
- 2. Desejo de contribuir: criatividade**

**Quem determina – as capacidades?
– as necessidades?**

- | | | |
|----------------|-----------------------|---|
| 1. Deus | 2. O indivíduo | 3. Um terceiro elemento
O Estado |
|----------------|-----------------------|---|

Isto seria bom se o homem fosse uma máquina. É fácil medir as necessidades e habilidades de uma máquina. Porém, quando aplicado o

princípio aos seres humanos, isto não funciona. Isto vai de encontro aos aspectos fundamentais da natureza humana. Falamos da natureza de cada um de dar e receber. O desejo de receber de modo geral pode ser equiparado ao desejo natural de autoaperfeiçoamento. Os aspectos materiais do autoaperfeiçoamento são negados pelo sistema comunista.



A natureza humana também mostra o desejo de contribuir; o aspecto da criatividade humana. Criatividade e total desenvolvimento pessoal são truncados sob o comunismo.

V. CONCLUSÃO

Qual é o novo sistema econômico proposto pela CAUSA? Nenhum. A CAUSA não propõe um novo sistema econômico. Nós nos opomos ao totalitarismo comunista, mas não inventamos uma nova estrutura

alternativa, conforme a visão concebida pela CAUSA sobre o interno e o externo. Sentimos que nossas prioridades devem ser primeiramente com o interno, ao qual o externo consequentemente seguirá.

O problema está na prioridade de valores do indivíduo. O egoísmo, a falta de uma adequada perspectiva de valor, têm levado muitas pessoas a ver seus próprios benefícios em termos restritos e materialistas, muitas vezes em detrimento de outros.

O problema está nas prioridades que o indivíduo atribui aos valores.

Egoísmo = Falta de perspectiva adequada.

O mercado livre atual ou economia mista oferece grandes oportunidades e possui grande potencial. Como vimos, o sistema em si não demanda exploração. Pode mesmo ser argumentado com grande eficácia que a exploração impede o funcionamento do sistema. Contudo, o sistema tem abusado muitas vezes.

**O homem de mercado livre
oferece grandes oportunidades
mas apresenta também falhas.**

Quando as pessoas veem apenas os valores materiais, elas naturalmente buscam apenas valores materiais. Quando puderem ver de maneira mais completa e saudável, elas buscarão tanto os valores materiais quanto espirituais. A solução proposta pela CAUSA é permitir que as pessoas vejam com melhores perspectivas a dimensão espiritual.

A solução para o abuso e exploração deve ser elaborada dentro da liberdade que o mundo livre nos proporciona. Na arena da escolha livre, os indivíduos devem erguer-se para uma total perspectiva de valores — total em dois sentidos: primeiro, global ou universal, e segundo, física e espiritual. Quando a maior perspectiva de valor é alcançada pelos indivíduos, veremos o início de uma revolução interna, resultando na solução genuína do abuso e da exploração.

Problemas econômicos

**Problemas éticos e
morais**

Solução espiritual

NOTAS DO CAPITULO QUATRO

1. Leszek Kolakowski, *Main Currents of Marxism*, Vol. I, Oxford University Press, 1978, p. 330.
2. Mark Blaug, "Economics" na *The New Encyclopedia Britannica*, 1.983, V. 6, p. 265.
3. Vamos presumir para este exemplo que seja possível calcular as obras de trabalho, mesmo que mais tarde mostremos que isto não pode ser feito.
4. Marshall I. Goldman, *USSR in Crisis*, New York Norton, 1983, p. 50.
5. Karl Marx, *Wage-Labour and Capital, Value Price and Profit*, New York, International Publishers, 1983, p. 37.
6. MARX, *Capital*, New York, International Publishers, 1967, Vol. I, p. 203.
7. Lawrence Minard e James W. Michaels, "*Why workers won't work in the Soviet Union*", Forbes dezembro/82, p. 144.
8. Goldman, p. 83.
9. *The New York Times*, dezembro, 1984.
10. Goldman, p. 47.
11. Milton e Rose Friedman, *Free to Choose*, Avon Books, New York, 1980, p. 6.